



## SÍNTESE DO PANORAMA CONJUNTURAL FIEA

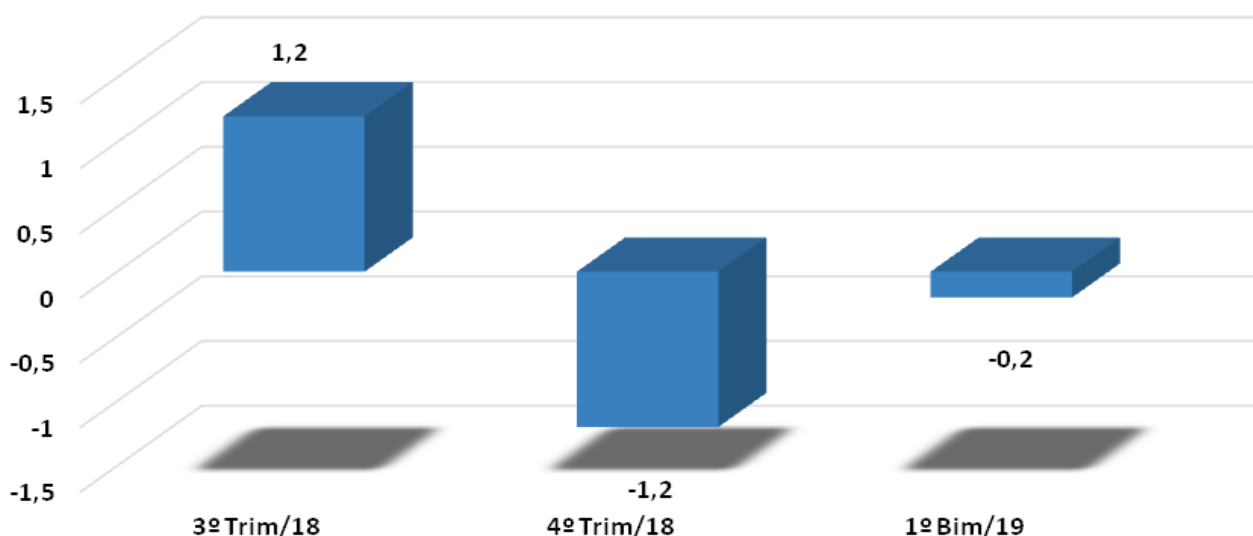
### INDÚSTRIA MANTÉM BAIXO DINAMISMO

A indústria brasileira mantém o baixo dinamismo observado a partir do quarto trimestre de 2018, como pode ser visto no gráfico nº 1. No primeiro bimestre de 2019 a produção industrial caiu 0,2% quando comparada a igual período do ano anterior, mantendo crescimento próximo a zero registrado na média do segundo semestre de 2018. Da perspectiva dos macrossetores industriais, bens intermediário neste início de ano registrou crescimento negativo de 0,9%, estagnação em bens de capital quando apresentou discreto crescimento de 0,1% em relação ao mesmo período no ano passado, crescimento de 0,5% em semiduráveis e não duráveis, mas que não compensou a queda de 0,8% observada no quarto trimestre de 2018 e crescimento de 3,7% em bens duráveis após registrar retração de 2,7% no último trimestre de 2018. Vários fatores explicam este desempenho insatisfatório da produção industrial que levou a CNI a revisar para baixo o crescimento do PIB da indústria e do país em 2019 de 3,0% para 1,1% e de 2,9% para 2,2%, respectivamente. O principal deles é a debilidade da demanda em função das elevadas taxas de desemprego, que em

fevereiro subiu para 12,4% e atingiu 13,1 milhões de pessoas, representando uma alta de 7,3% em relação ao trimestre anterior. Este comportamento do mercado de trabalho fez com que a CNI ajustasse a sua previsão para o aumento do consumo das famílias este ano que passou de 2,9% em dezembro para 2,2% em março e sua estimativa para a taxa média de desemprego que subiu de 11,4% em dezembro para 12%. Outro importante componente da demanda agregada que são os investimentos (FBKF) também foram revisados para baixo pela CNI, caindo de 6,5% para 4,9% em 2019. No caso dos investimentos estão pesando negativamente a ainda elevada capacidade ociosa da indústria e a incerteza em relação as reformas econômicas, principalmente a previdenciária, que começam a impactar o Índice de Confiança do Empresário Industrial - ICEI, que em março caiu pela segunda vez consecutiva, segundo a própria CNI. O consumo do governo que responde por aproximadamente 20,0% da demanda doméstica deve, ainda de acordo com a CNI, apresentar retração de 0,2% no corrente ano em função da política de austeridade mantida pelo governo federal. Assim, do ponto de vista do

mercado interno, a tendência é de perda de dinamismo para a indústria e economia brasileira no ano de 2019. Em termos de mercado externo ou exportações líquidas as estimativas da CNI apontam para um vazamento maior da renda, enfraquecendo a absorção interna, uma vez que as exportações devem crescer 3,0% abaixo dos 4,2% das importações. O desempenho insatisfatório da indústria nos primeiros meses do ano assim como a estabilidade das vendas do comércio de janeiro para fevereiro e queda de 0,4% do setor de serviços no mesmo período tem levado alguns bancos a estimar um crescimento negativo para o PIB brasileiro no primeiro trimestre de 2019, estes são os casos dos bancos Fator, Bradesco e Itaú Unibanco que passaram a esperar retração de 0,2%, 0,1%, 0,1%, respectivamente. Os dados do Índice de Atividade do Banco Central (IBC-Br) que também mostrou recuo de 0,73% em fevereiro ante janeiro - a maior queda desde maio de 2018, mês da greve dos caminhoneiros, contribuiu para acender à luz amarela quanto ao débil dinamismo da economia brasileira neste início de ano e ajustar as expectativas dos empresários para o resto de 2019.

Gráfico nº 1 - Produção Industrial do Brasil (Var%) frente a igual período da ano anterior - IEDI -  
Elaboração Núcleo de Pesquisa IEL/FIEA



## MERCADO CONTINUA REVISANDO PARA BAIXO O PIB EM 2019

Mesmo com o BCB mantendo a selic no menor patamar histórico desde a constituição do sistema de metas de inflação em 1999, o mercado financeiro nos três primeiros meses do ano continua revisando para baixo as expectativas quanto à taxa de crescimento do PIB em 2019. A manutenção do quadro de debilidade da economia neste início de ano não só tem afetado negativamente as expectativas dos empresários, como foi apontado acima, como também tem aumentado a pressão do mercado financeiro junto ao Banco Central para a queda na taxa selic. O BCB, por sua vez, vem sustentando em suas atas do COPOM que no balanço de riscos internos e externos a cautela e temperança são a melhor estratégia uma vez que os riscos associados as dificuldades na agenda de consolidação fiscal, incertezas quanto a reforma da previdência que será aprovada pelo Congresso, e instabilidade do cenário internacional mais que compensam um cenário benigno para inflação decorrente da elevada capacidade ociosa da economia em função da fragilidade da demanda. Contudo, começa a aumentar no mercado o número dos que estimam taxa de crescimento

para o PIB em 2019 próxima a 1,0% o que na prática seria repetir o desempenho da frágil recuperação de 2017 e 2018. O Itaú revisou sua taxa para 1,3% bem abaixo da mediana das expectativas do mercado financeiro de 1,95%. Para o IPCA espera taxa de 3,6% e selic de 5,75%, ambas também abaixo da mediana da pesquisa FOCUS-BCB de 4,06% e 6,5%, respectivamente. A depender do resultado do PIB no primeiro trimestre de 2019, com algumas instituições estimando crescimento negativo, o esforço exigido para a recuperação trimestral da economia brasileira em 2019 terá que ser maior para que a taxa de 2,0% seja alcançada. É justamente neste ponto que reside a maior incerteza dos empresários e dos investidores uma vez que a taxa de desemprego continua em patamar bastante elevado, o que afeta negativamente as decisões de consumo e de endividamento das famílias, principalmente em um contexto onde as taxas de juros na ponta para pessoas físicas e jurídicas continuam elevadas. Ademais, pesquisas recentes demonstram que a recuperação do investimento dependerá, em grande medida, dos seguintes componentes da demanda: investimento residencial; consumo de bens

duráveis; as exportações e os gastos do governo. Os dois primeiros dependem da renda e acesso a crédito das famílias, que devido as atuais taxas de desemprego e ao risco de inadimplência não só oneram o custo dos financiamentos como aumentam o racionamento de crédito por parte das instituições financeiras. O terceiro depende da dinâmica da economia internacional que tem apresentado sinais de desaceleração, segundo os relatórios do FMI, em função das tensões comerciais (EUA X China) e das dificuldades de recuperação da zona do Euro. O último motor, que seria os gastos públicos, enfrenta o seguinte desafio, segundo estudos recentes: as reformas de consolidação fiscal que são cruciais para equilíbrio estrutural das contas públicas apesar de apresentarem resultados positivos a longo prazo, em geral, podem ter efeitos recessivos no curto prazo uma vez que os supostos efeitos expansionistas provocados por mudanças nas expectativas dos empresários são incertos. Em síntese, todos estes fatores contribuem para explicar o processo de revisão para baixo das expectativas de crescimento do PIB do Brasil para 2019 observado desde o início do ano.

## A PRODUÇÃO INDUSTRIAL BRASILEIRA EM FEVEREIRO DE 2019

O desempenho da indústria brasileira em fevereiro de 2019 apresentou, no levantamento com ajuste sazonal, crescimento de 0,7%. Na comparação com o mesmo mês em 2018 a indústria registrou aumento de 2,0% na produção. De acordo com o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria (IEDI), “na passagem de 2018 para 2019 a indústria perdeu fôlego e desligou motores. Sua produção declinou no último trimestre do ano passado e em janeiro do presente ano. Em fevereiro último, o resultado voltou a ser positivo, mas a recomposição do nível de atividade foi pouca, tendo como consequência uma virtual estagnação no primeiro bimestre de 2019. Por ora, é precipitado interpretar o crescimento de fevereiro como indicio de dias melhores. Pode ser que tenha sido resultado apenas de um movimento de recomposição de estoques, o que sozinho não garante a sustentabilidade da alta. De fato, o indicador da CNI mostra que os estoques caíram de nov/18 a jan/19, mas voltaram a ficar praticamente estáveis em fev/19.”

Ainda segundo o IEDI, “o nível de utilização da capacidade instalada da indústria

Variações da Produção - Fevereiro - 2019 - %				
	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	0,7	2,0	-0,2	0,5
Bens de capital	4,6	7	0,1	5,6
Bens intermediários	-0,8	-0,4	-0,9	-0,3
Bens de consumo	1,6	5,3	1,2	1,0
Bens de consumo duráveis	3,7	12,2	3,7	5,7
Semiduráveis e não Duráveis	0,7	3,2	0,5	-0,2
Extrativa Mineral	-14,8	-9,9	-4,4	0,6
Transformação	1,0	3,8	0,4	0,5

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração Própria.

de transformação, de acordo com a série da FGV com ajustes sazonais, foi de 74,7% em fevereiro de 2019, 0,4 p.p. acima do patamar de jan/19 e praticamente o mesmo de dez/18 (74,8%). Este nível de utilização continua inferior ao de meados do ano passado e muito abaixo da média histórica do próprio indicador (80,1%), iniciado em janeiro de 2001. Já o indicador da CNI, ficou praticamente estável na passagem de janeiro para fevereiro de 2019,

já descontados os efeitos sazonais, ao variar apenas +0,1 p.p. e chegando a 78%. Frente ao patamar médio de 77,3% no último trimestre de 2018, estes níveis de utilização da capacidade nos primeiros meses de 2019 mostram alguma evolução favorável. Entretanto, tal como ocorre no caso do indicador da FGV, a utilização aferida pela CNI permanece razoavelmente abaixo da média histórica do indicador, iniciado em jan/03, e que é de 80,9%.”

### FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS- FIEA

Presidente  
José Carlos Lyra de Andrade

1º Vice presidente  
José da Silva Nogueira Filho

Diretor executivo  
Walter Luiz Jucá Sá

Gerente UNITEC  
Helvio Vilas Boas

### INSTITUTO EUVALDO LODI - IEL

Diretor Regional  
José Carlos Lyra de Andrade

Superintendente  
Helvio Vilas Boas

Coordenadora de Inovação e Pesquisa  
Eliana Sá

Elaboração  
NÚCLEO DE INOVAÇÃO E PESQUISA DO IEL/AL

### EQUIPE TÉCNICA

Luciana Peixoto Santa Rita  
Reynaldo Rubens Ferreira Junior

Laura Vitória Chagas Lins  
Lhara Maria Dias Magalhães  
Luan Victor Ramalho de Oliveira  
Thallyson Eduardo Alves Martins